

REVISTA DO

professor

JULHO A SETEMBRO DE 2005 - ANO XXI - Nº 83

ISSN 1518-1539



Laboratório vivencial
para o estudo da água

Atividades com charges nas aulas de História
Administrando conflitos na adolescência
Planejamento de Ensino na Educação Infantil



Orientação Sexual vence preconceitos na escola

Adolescentes precisam saber fazer escolhas responsáveis

A inconseqüência e a irresponsabilidade com que a sexualidade é apresentada (como exemplo temos a incitação para o sexo, via televisão), o acentuado crescimento de adolescentes grávidas, o grande abismo que existe entre pais e filhos quando o tema da conversa é sobre sexo, além do pequeno número de escolas públicas e privadas que se preocupam em oferecer aulas de orientação sexual para adolescentes são os incentivadores para a realização deste trabalho.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a partir de meados dos anos 80 a demanda por trabalhos na área da sexualidade nas escolas aumentou, devido à preocupação dos educadores com o grande crescimento da gravidez indesejada entre as adolescentes e com o risco da contaminação pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), responsável pela Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS ou SIDA) entre os jovens. A princípio, acreditava-se que as famílias apresentavam resistência à abordagem dessas questões no âmbito escolar, mas atualmente sabe-se que os pais reivindicam a Orientação Sexual nas escolas, pois reconhecem não só a sua importância para crianças e jovens, como também a dificuldade em falarem abertamente sobre esse assunto em casa. Uma pesquisa do Instituto Data Folha, realizada em dez capitais brasileiras e divulgada em junho de 1993, constatou que 86% das pessoas ouvidas eram favoráveis à inclusão de Orientação Sexual nos currículos escolares.

Portanto, é dever da escola oferecer aos adolescentes orientações relacionadas à educação sexual e informações sobre os diferentes tipos de métodos anticoncepcionais, assim como suas vantagens e desvantagens, fazendo com que eles sejam responsáveis na escolha do melhor método preventivo para o casal. Além disso, ao se trabalhar com o tema sobre métodos anticoncepcionais torna-se necessário aprofundar a questão do aborto, já que muitos ado-

lescentes entendem o aborto como método preventivo. Não podemos deixar de enfatizar que os próprios adolescentes vislumbram três soluções que, na realidade, não são soluções ideais para a resolução do problema da gravidez indesejada: praticar abortamento, fazer um casamento forçado ou assumir, mesmo solteira, a gestação.

É preciso promover a reflexão e o debate sobre a sexualidade e potencializar o senso crítico responsável do cidadão sobre este tema, além de fornecer informações que possam esclarecer as dúvidas dos educandos em relação aos métodos anticoncepcionais, preparando-os para fazerem escolhas com responsabilidade e a se prevenir de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), bem como gravidez indesejada,

além de conhecerem as principais consequências em relação ao aborto.

Metodologia

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), trabalhar com Orientação Sexual na escola é entendido como problematizar, levantar questionamentos e ampliar o leque de conhecimentos e de opções para que o aluno, ele próprio, escolha seu caminho. Por isso, a Orientação Sexual, como tema de natureza transversal, foi abordada, utilizando-se metodologia participativa, com ênfase nas discussões e debates sobre o tema sexualidade, e de extinção das posturas acadêmicas, rígidas e preconceituosas.

Para um melhor desenvolvimento, as atividades foram divididas em etapas (ou

Projeto Nacional de Intercâmbio de Experiências Educacionais

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Município:	São Gonçalo
Unidade Federada:	Rio de Janeiro
Período de realização:	ano letivo de 2003
Duração:	6 semanas
População-alvo:	265 alunos da 3ª série do Ensino Médio
Escola atingida:	Colégio Estadual Santos Dias
Executor do projeto e autor do relato:	• Jorge Luiz Fortuna Licenciado em Ciências Biológicas Especialista em Educação Científica em Biologia e Saúde e em Gestão Ambiental Professor de Biologia do C.E. Santos Dias Professor de Ciências da E.M. João Kopke e do Colégio Azevedo E-mail: prof.magoo@uol.com.br

Jorge Luiz Fortuna
(Prof. Magoo)
Biólogo - CRB 21846-02
Rua Lf 9704352/DEMECOM

Prof. MSc. Jorge Luiz Fortuna
UNEB Oficina Biológica - Campus X
Rua Lf 9704352/DEMECOM

momentos), a saber: levantamento dos conhecimentos dos alunos sobre sexualidade e de suas práticas; informações sobre morfofisiologia do aparelho genital e métodos anticoncepcionais, por meio de aulas teóricas, debates e recursos audiovisuais; júri simulado e culminância.

• Conhecimentos prévios

Foi entregue para cada aluno um pequeno questionário contendo perguntas simples sobre sexualidade, que não pedia a identificação do respondente. Foi assim possível, para o professor, reconhecer as principais dúvidas existentes, sem que se denunciasses quem tinha as dúvidas. Neste primeiro momento, o professor ficou livre para desencadear um debate sobre sexualidade, podendo aproveitar algumas questões levantadas pelos próprios alunos. As respostas permitiram fazer um mapa da situação e detectar quais aspectos mereceriam ser abordados ou retomados.

• Novos conhecimentos

O mapeamento indicou a necessidade de novos conhecimentos na área da morfofisiologia do aparelho sexual. Assim, nesta etapa, foram ministradas aulas teóricas sobre a anatomia dos órgãos do sistema reprodutor (masculino e feminino) e suas respectivas funções, com o auxílio de recursos audiovisuais (retroprojektor e vídeo), figuras, fotos e esquemas sobre órgãos sexuais, ciclo menstrual e fecundação, vídeos sobre sexualidade, DST e métodos anticoncepcionais. Debates e discussões sobre o tema ocorreram sempre, após as atividades.

• Júri simulado

Para estabelecer maior dinamismo ao trabalho, foi escolhido um tema polêmico sobre sexualidade para ser debatido exaustivamente pelos alunos em um *júri simulado*. Entre os possíveis temas que poderiam ser usados (aborto, estupro, métodos anticoncepcionais, maternidade na adolescência, etc.), foi escolhido, pela maioria dos alunos, o aborto, frequentemente ausente nos conteúdos programáticos da disciplina de Biologia. As turmas foram divididas em quatro grandes grupos. Dois grupos foram responsáveis pela defesa do aborto e os outros dois contra o aborto. Os alunos receberam um texto, de uma revista que trazia notícias sobre o tema, para ser lido e servir de apoio teórico. Cada grupo escolheu um advogado para defender a sua tese (a favor ou contra) e um compo-

nente para fazer parte do júri que, neste caso, não mais fez parte do grupo. Cada grupo, representado pelo seu advogado, teve três minutos para expor sua defesa na primeira rodada. Logo depois, os grupos tiveram um tempo para revisar suas teses, tendo mais três minutos para a sua defesa. Após esta etapa, o corpo de jurados entrou em discussão para a escolha do melhor trabalho (a favor ou contra), votando cada um deles nos dois melhores grupos, independentemente de serem contra ou a favor. Depois do julgamento, foi aberto um grande debate sobre o tema entre todos os alunos.

Durante o debate sobre o aborto, os alunos que eram contra a prática do aborto se baseavam, principalmente, no fato de ser um crime contra um ser vivo que não tem como se defender, além de citarem a falta de responsabilidade por parte do casal no que diz respeito às informações sobre o uso adequado dos métodos anticoncepcionais. Já os alunos que estavam a favor da prática do aborto citaram o caso do estupro e do risco de vida para a mãe. Eles também citaram a falta de informações sobre os melhores métodos anticoncepcionais, afirmando que não são todos os adolescentes que recebem informações adequadas dos pais e/ou educadores.

Na página 40, no **quadro Opiniões dos alunos sobre a prática do aborto**, elaborado a partir dos debates ocorridos na atividade do *júri simulado*, ficou claro que os alunos indicaram que o motivo do grande número de abortos praticados pelos adolescentes está diretamente ligado à falta de informações sobre os métodos anticoncepcionais ou, ainda, à falta de responsabilidade por parte do casal que pratica sexo sem usar nenhum tipo de método preventivo.

De acordo com Pinto, por ano, são mais de 600.000 partos de adolescentes no Brasil e acontecem em torno de 500.000 abortamentos no País, todos clandestinos e ilegais, uma vez que nossa legislação os proíbe. Com isso, podemos estimar que 1.100.000 adolescentes engravidam por ano no Brasil. A expectativa é de que uma em cada 17 adolescentes engravidem nos próximos meses. O Brasil, segundo a OMS, é o país onde mais se pratica aborto (10% dos abortos mundiais), sendo que, para cada criança que nasce, outras duas são abortadas. São 13.090 abortos por dia; 570 por hora; 0,5 por minuto. Como consequência do aborto praticado por parteiras e curiosas ou por médicos, em lugares sem a mínima

condição de higiene, são muitos os casos em que a mulher sofre seqüelas graves. Segundo Biancarelli, quase 20% das mulheres que tiveram complicações com aborto clandestino e foram internadas em hospitais públicos da cidade de São Paulo tinham 19 anos ou menos. Outras 53% tinham entre 20 e 39 anos. Entre as oito mulheres que morreram de aborto em 1994 em São Paulo, três tinham 17 anos ou menos. Os estudos indicam que o número de abortos corresponderia a cerca de 20% de nascimentos. Por essa estimativa, cerca de 400 mil abortos provocados aconteceriam por ano na cidade de São Paulo.

Conforme Lopes & Maia, faz-se necessário esclarecer aos nossos adolescentes que a maternidade e a paternidade implicam assumir responsabilidades, aceitar os aspectos físicos e emocionais da gravidez e do cuidado infantil, considerar as necessidades dessa criança por pelo menos 18 anos, aprender e praticar habilidades paternas e planejar o atendimento a necessidades financeiras. Por isso, uma gravidez não-programada repercute mais negativamente do que positivamente. Poucos adolescentes conseguem tirar algum ganho desse momento de perdas.

Schemo demonstrou que, em pesquisa feita nos Estados Unidos, cerca de 84% dos pais querem que a Orientação Sexual explique como obter e utilizar técnicas de controle de natalidade. Um número ainda maior de pais quer que as escolas ensinem as crianças como fazer teste para detectar o HIV, como reagir a pressões para fazer sexo, como discutir métodos anticoncepcionais com um parceiro e como lidar com as consequências emocionais do sexo. Outra pesquisa no mesmo país mostrou que os pais querem que seus filhos recebam informações práticas sobre sexualidade. As questões mais apontadas foram sobre como usar a camisinha (85%) e métodos preventivos (84%). Destacam, ainda, a importância de ensinar os jovens a conversar com seus parceiros (88%), as consequências de se tornar sexualmente ativo (94%), o aborto (79%) e a Orientação Sexual (76%). Para Zenti, então, não é por falta de apoio da família que as escolas evitam falar de sexo com os alunos.

Culminância

Os alunos foram estimulados a montar um grande painel contendo as principais opiniões sobre a prática do abor-

to dadas por eles próprios durante o debate em sala de aula, conforme mostra o quadro já apresentado sobre prática do aborto. Além disso, os alunos construíram textos coletivos nas suas turmas, elaborados a partir de alguma história-problema, cujo tema principal envolvesse a polêmica discutida no *júri simulado* (aborto).

Avaliação

No final do conjunto das atividades, os alunos receberam um questionário contendo questões referentes ao tema de sexualidade abordado durante o desenvolvimento do projeto. A avaliação foi decorrente das próprias metas educacionais estabelecidas pelas atividades. Assim, destinou-se a obter informações e subsídios capazes de mostrar o desenvolvimento dos alunos e a ampliação de seus conhecimentos sobre o tema. A seguir, são colocados os resultados desta avaliação.

A pergunta *Você aprendeu alguma coisa que não sabia?*, num universo de 265 (100%) alunos, 189 (71,4%) responderam que aprenderam alguma coisa que não sabiam antes, enquanto que 76 (28,6%), responderam que sexualidade não era novidade (Gráfico 1).

Em relação à importância do tema sexualidade, 242 (91,3%) alunos disseram que este tema era importante e apenas 23 (8,7%) alunos não achavam tão importante para ser debatido nas escolas (Gráfico 2). Sobre a sexualidade, foi perguntado aos alunos de qual(is) tema(s) eles mais gostaram. Métodos anticoncepcionais foi o tema preferido por 97 (36,6%) alunos, em seguida vieram DST/AIDS, com 92 (34,7%) votos; aborto, 84 (31,7%); todos os temas, 36 (13,6%); prevenção de DST/AIDS, 34 (12,8%); gravidez indesejada, 14 (5,3%) e fecundação, 12 (4,5%) (Gráfico 3).

A última pergunta da avaliação aplicada relaciona-se a uma grande discussão entre educadores e pais e/ou responsáveis sobre o tema sexualidade ser uma forma de incentivo ou não ao sexo entre os adolescentes. Foi perguntado aos alunos se, quando falamos a respeito do preservativo como uma das formas de prevenção às DST/AIDS e gravidez indesejada, eles viam a abordagem do tema como um incentivo à prática sexual. Dos 265 (100%) alunos, 196 (74,0%) responderam não ter nenhuma relação com o incentivo, enquanto que 69 (26,0%) alunos achavam que o tema pode incentivar os adolescentes à prá-

tica sexual (Gráfico 4).

Segundo Ercolin, conversar sobre sexualidade não é falar sobre o ato sexual, é falar sobre ser pessoa, sobre como lidar com o próprio corpo, sobre o respeito a seus limites e aos do outro. É falar sobre como desenvolver-se de forma madura e consciente.

Conclusões

Todos os alunos reconhecem a importância do conhecimento sobre sexualidade, assim como a necessidade de conhecer as melhores formas de prevenção para as DST/AIDS e para a gravidez indesejada, por meio do uso de métodos preventivos adequados (Gráfico 5).

A Orientação Sexual na escola se

justifica, já que 25,3% dos alunos sexualmente ativos não utilizam nenhum método preventivo, apresentando um maior risco para uma gravidez indesejada e/ou contaminação por uma DST/AIDS.

A maioria dos alunos que participaram deste trabalho concordou que o maior culpado do grande número de abortos praticados pelos adolescentes é a falta de informações sobre os métodos anticoncepcionais ou, ainda, a falta de responsabilidade por parte do casal que pratica sexo sem usar nenhum tipo de método preventivo.

Este trabalho demonstrou aos adolescentes a participação ativa e conjunta do homem e da mulher em relação à responsabilidade na escolha dos melhores méto-

GRÁFICO 1. Respostas dos alunos à questão sobre sexualidade: Você aprendeu alguma coisa que não sabia?

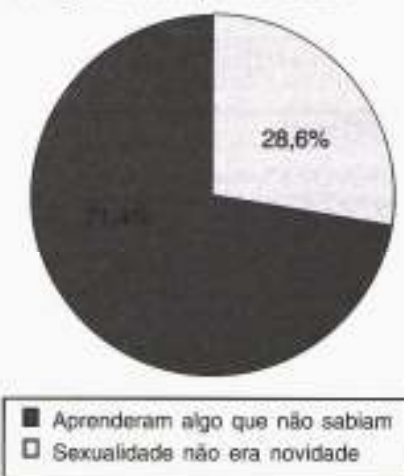


GRÁFICO 2. Respostas dos alunos à questão sobre a importância do tema sexualidade nas escolas

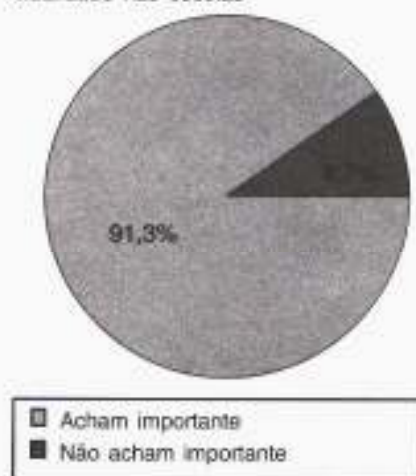
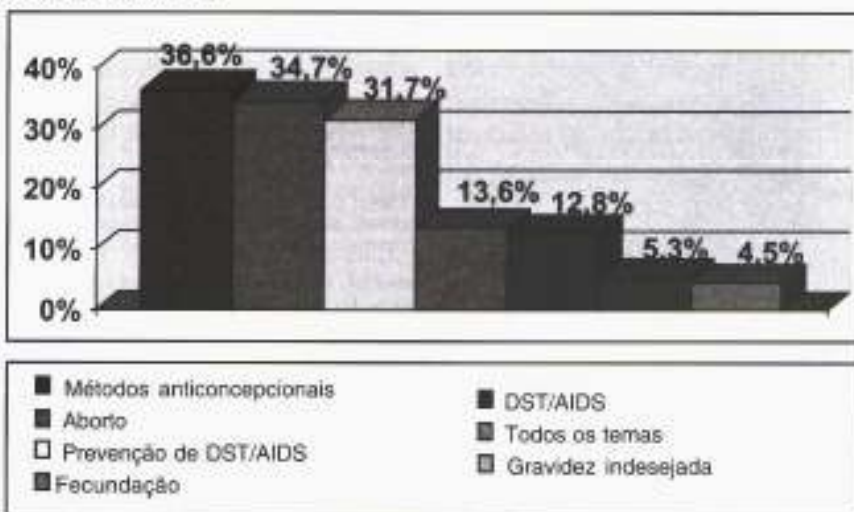


GRÁFICO 3. Relação dos temas sobre sexualidade de que os alunos mais gostaram durante as atividades



dos anticoncepcionais para o casal, enfatizando que não somente a mulher tem responsabilidades, mas também o homem é responsável no processo de controle de natalidade e/ou prole do casal.

Torna-se claro que a melhor solução contra a gestação indesejada e/ou DST/AIDS é evitá-las, por meio do conhecimento e uso adequado dos métodos anticoncepcionais e da prevenção dessas doenças, respectivamente.

Todas as informações relacionadas com o tema sexualidade são importantes e devem, sempre, ser oferecidas tanto às crianças quanto aos adolescentes. Os programas de Orientação e/ou Educação Sexual de instituições de ensino são fundamentais, quando permitem

GRÁFICO 4. Resultado das respostas dadas pelos alunos sobre a Orientação Sexual nas escolas ser uma forma de incentivo ou não ao sexo entre os adolescentes

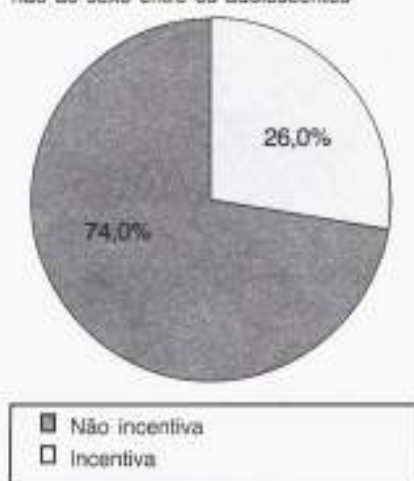


GRÁFICO 5. Melhores métodos anticoncepcionais segundo os alunos



uma metodologia participativa de todos, por meio de discussões e debates sobre

a sexualidade, fazendo com que o jovem escolha o seu próprio caminho.

OPINIÕES DOS ALUNOS SOBRE A PRÁTICA DO ABORTO

Contra o aborto	A favor do aborto
• É crime (lei brasileira). • O casal deve procurar informações sobre métodos anticoncepcionais adequados, antes da prática do sexo. • Falta de responsabilidade por parte do casal que faz sexo sem nenhum uso de método preventivo. • Criança não tem culpa (não tem como se defender). • Clínicas clandestinas: risco de esterilidade e de morte da mãe. • Em vez de abortar, doar para fundações ou instituições de apoio à família.	• Somente em caso de estupro ou risco de morte da mãe (lei brasileira). • Falta de informações sobre os métodos anticoncepcionais adequados ao casal, antes da prática do sexo. • Idade do casal (perda da infância/adolescência). • Falta de responsabilidade para cuidar de um filho, devido à idade do casal. • Condições financeiras do casal de baixa renda (o casal ainda estuda e não tem nenhuma perspectiva profissional). • Livre arbítrio por parte do casal (poder de escolha).

Observação: Os gráficos foram reproduzidos do texto original.

REFERÊNCIAS

- BIANCARELLI, A. Perfil de Mulheres que Interrompem a Gravidez. Divulgado por Pesquisadora. Mostra que Famílias Ignoram Gestação. *Folha de São Paulo*, [online]. 31/08/1997. Disponível: <http://www.uol.com.br/fsp/cotidian/f0310826.htm>. Acesso em: 04 de jun. de 2001.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Ministério da Educação e do Desporto. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural e Orientação Sexual*. 1ª a 4ª Séries. Brasília, 1997.
- BRUNO, Z. V. et al. Anticoncepção na Adolescência. *Femina*, v. 20, n. 4, p. 322-324, abr. 1992.
- DOENÇAS Sexualmente Transmissíveis. São Paulo: SBJ Produções, 1995. Educação Sexual, v. 3.
- ERCOLIN, E. H. Conversando sobre Sexo. Educação - A Internet na Educação. [online]. Disponível: <http://www.educacional.com.br/falecom/psicologa_artigo002.asp>. Acesso em: 15 de maio de 2002.
- LINS, L. C. S.; PEREIRA, E. M. D. R.; LIRA, I. V. Como Andar a Educação Sexual dos Jovens. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 41, n. 2, p. 123-131, abr./jun. 1988.
- LOPES, G.; MALA, M. Conversando com o Adolescente sobre Sexo: quem Vai Responder? Belo Horizonte: Autêntica/PUMBC, 2001.
- MAZIN, R. Anatomia e Fisiologia Sexual Humana. In: BARROSO, C.; BRUSCHINI, C. *Sexo e Juventude: como Discutir a Sexualidade em Casa e na Escola*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 24-29.
- MÉTODOS Anticoncepcionais. São Paulo: SBJ Produções, 1995. Educação Sexual, v. 5.
- NASCIMENTO, L. C. S.; LOPES, C. M. Atividade Sexual e Doenças Sexualmente Transmissíveis em Escolares do 2º Grau de Rio Branco/Acre, Brasil. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 8, n. 1, p. 107-113, jan. 2000.
- PAIXÃO, R. O Debate é Nacional: o Caso de M. Grávida aos 11 anos, Trouxe o Aborto para a Sala de Aula. *Veja*, [online]. 24/12/1997. Disponível: <http://www2.uol.com.br/veja/241297/p-016.html>. Acesso em: 27 de maio de 2001.
- PEREIRA, R. M. M.; TEIXEIRA, G. A. P. B. Sexualidade na Adolescência. In: ENCONTRO PERSPECTIVAS DO ENSINO DE BIOLOGIA: SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DA IOSTE (INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR SCIENCE AND TECHNOLOGY EDUCATION), 7., 2000, Coletânea... 2000.
- PINTO, E. B. Gravidez na Adolescência. *Guia do Sexo*, [online]. Disponível em: <http://cadernodigital.uol.com.br/guiaosexo/artigos/gravidezna.htm>. Acesso em: 05 de jun. de 2001.
- PRESTES, R. C. et al. Anticoncepção e Sexualidade entre Escolares. *Revista Médica do Hospital São Vicente de Paulo*, v. 6, n. 15, 1994, p. 22-25.
- REES, A. O.; RIBEIRO, M. A. Gravidez na Adolescência. *Saúde e Vida On Line*, [online]. Disponível em: <http://www.nib.unicamp.br/svo/gravprec.htm>. Acesso em: 21 de maio de 2002.
- SCHEMO, D. J. Pais Americanos Querem mais Educação Sexual nas Escolas. *O Estado de São Paulo*, [online]. 05/10/2000. Disponível em: <http://www.estado.estadão.com.br/2001/10/05/ger638.html>. Acesso em: 04 de jun. 2001.
- UNICEF. Fundo das Nações Unidas para a Infância. *A Voz dos Adolescentes*. 2002.
- VALLADARES, K. K. *Orientação Sexual na Escola*. 2. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.
- ZENTIL, L. Pesquisa Mostra que Professores Norte-Americanos de Educação Sexual Tendem a Considerar a Abstinência a Informação mais Importante a Ser Transmitida nas Aulas. *Nova Escola*, [online]. 08/11/2000. Disponível em: <http://www.uol.com.br/novaescola/noticias/nov_00_9/index_nov_00_9.htm>. Acesso em: 04 de jun. de 2001. ©